

Especulação de abertura

*Todo o escritor sincero deve prevenir os seus leitores
das estafas que lhe estão iminentes.*

Camilo Castelo Branco

*La fantasia, aislada de la razón, solo produce
monstruos imposibles. Unida a ella, en cambio, es la
madre del arte y fuente de sus deseos.*

Goya

As aventuras de um indivíduo poderão ter aspectos inimagináveis, porém as mais cativantes possivelmente referem-se às da razão. As minhas investigações, que são as minhas aventuras, cujos pormenores não importa aqui especificar, fizeram-me observar os comportamentos das pessoas a nível individual e colectivo, como leitor amodorrado a um canto da sala e andarilho sem tempo para leituras, escusando-se, em cada instante, a praticar os mais simples movimentos de um aparo dos antigos, rumoroso sobre uma folha de papel mate. Os meus diálogos, as mais das vezes surdos, entre mim e o meu caro

Máximo Brandão¹, têm-me levado a vasculhar gavetas e cadernos em busca destes escritos que aqui vos trago. Devo, no entanto, prevenir os eventuais leitores que eu próprio sou uma invenção cuja autoria reclamo. Com o pretexto de me assumir como *alter ego* desse que comete a desfaçatez de aceitar o fruto (ou apenas o usufruto?) das minhas pesquisas depois daquele livro intitulado *O Diabo Coxo* (2015), cabe ao autor agora fazer com que apareça este *Escritos Goliardos*.

Num coro, naturalmente, e mais uma vez, surdo, perguntarão, os presumíveis leitores, que raio de escritos são estes, pensando, tal como eu, ao princípio, no proposto vocábulo *goliardo*. Novamente recorro ao meu caro amigo e creio que ainda meu parente, por parte de um seu irmão apócrifo², Camilo Castelo Branco. Dizia ele: *Quase sempre o que se denomina criação é desordenado, confusão e caos*.

1 Suprema luminária, como se entenderá!

2 Há um pequeno artigo na revista *Esboços de Arte*, publicada no início do século passado, intitulada *Um irmão de Camilo?* Assinada com as iniciais MFB, em que é levantada a hipótese, ou atoarda, de que Manuel Joaquim Botelho teve, antes de Camilo, um filho de uma rapariga de Setúbal. Ainda jovem, esse tal, que se chamaria Amadeu, morreu tísico no convento de Bulhente, mesmo assim deixou duas filhas de uma freira de Braga.

Diz-se para aí³, e não me parece mal de todo, que a escrita goliarda pertence à literatura medieval, da lavra de clérigos e estudantes, uns e outros integrantes da sã categoria dos boémios praticantes de excessos. Ora esta gente, para se afastar dos seus confrades, havia escolhido uma vida desregrada, aventureira e caracterizada ainda por folguedos, que hoje reputaríamos de radicais. Uma literatura absolutamente marginal, tal como a rotularia o meu caro amigo Arnaldo Saraiva. Assim, parece não restar dúvida alguma que havia nessa literatura uma inclinação para celebrar o bispo Golias, que tinham como estrela de suas vidas. Ou então este termo *goliardo* vem do francês antigo *golliart*, que poderemos traduzir por *bufão*. Mas por este caminho já a coisa não me interessa tanto.

Estes textos não soam, nem podem soar, nem pouco mais ou menos, como produto literário de um bufão! Para melhor informação, registre-se que nesta categoria de criadores literários temos Pierre de Blois, Philippe de Chancellor e Gautier de Chatillon, entre outros, os mais deles absolutamente anônimos, dada a violência de algumas expressões

3 E se eu fosse um erudito, indicaria autor, obra, editor, ano e página, mas decerto saquei isto algures!

quando não dos inteiros discursos⁴ aos quais me junto desde já e como quem não quer a coisa!

Entretanto, permitam-me que os previna que se o amor entre estes meus pares era o tema comum, valha a verdade também que era um amor sem as balizas das convenções da altura, muito menos as de agora. A liberdade era o pão nosso de cada dia lá daqueles de quem eu falo com admiração. Não me move, convenhamos, seguir os preceitos da mimé-sis, se é que esta senhora tem saiotos dessa marca. Mas acontece que os coetâneos dos goliardos não os levavam a sério, desdenhando-lhe das produções. E os pobres foram derrotados no querer fazer valer o que escreviam. No século XIV já eram confundidos com os jograis e segréis, e creio que a *Carmina Burana* só era folheada por mentes curiosas e de inclinações clandestinas ou, pelo menos, licenciosas discretas! Eram as raízes do livre-pensamento, era a forja do Humanismo que o Renascimento se apres-saria, naturalmente, a integrar. Porém, eu apenas li fragmentos em versões, claro que nas novas línguas bárbaras, do *Codex Latinus Monacensis*. Também o autor deste livro, que tendes nas mãos, teve o seu período de frequentador de tabernas, onde serviam

4 Um sapientíssimo mestre entre os Mestres, diria, em voz baixa e ao ouvido comunitário dos leitores: *Quem tem cu tem medo*.

escudelas com favas e chouriço, polvo à galega, além de bons vinhos dos vinhedos do Douro. Sim, é verdade que aquelas escadas de gigantes, de e para o rio, bem poderiam ter sido galgadas pelo tal bispo Golias, decerto agigantado como o nome faz prever.

E se não fossem esses lugares de culto do amor e da mesa, em que pontos da terra poderia conceber-se a existência comunitária dos goliardos?

Pois façam o favor de me acompanhar, que hoje ainda podemos cerrar os olhos por uns instantes e escutar o talento de um tal Carl Orff. E aqui fica uma amostra sem qualquer rigor de tradução. Dessas pérolas, colhidas nas bordas dos lamacentos caminhos da *net*, poderia, cantando e dedilhando um velho saltério, mostrar-vos:

*Sigo adiante
como um barco sem piloto
como um pássaro vagando pelos ares
nada me detém
nem chaves nem grillhões
procurando meus semelhantes
junto aos miseráveis
o meu caminho é longo
como a minha juventude
largar-me-ei aos vícios*

*esquecidos da virtude
desejando mais os prazeres
que a salvação.*

*Minha alma está morta,
só me importa a carne...*

Um tal senhor Van Woensel chegou a declarar, *urbi et orbe*: que os goliardos eram *a ala esquerda da corporação clerical!*

E um goliardo escreve:

*É minha intenção morrer na taberna
para que da boca do moribundo
o vinho esteja perto.
Então cantarão os coros dos Anjos
com mais festa.
e Deus a este bebedor proteja.*

Pela minha parte, que não sou exactamente um militante báquico ou mesmo, e arrumando as botas daquilo que os galegos chamam de *larpeiro*, literariamente ando entusiasmado, e aqui cheguei surpreendendo-me, a um construtor de textos goliardos à mesa de uma taberna como aquelas que já não há, mas onde sempre se pode escrever, arrastando o tal

aparo em bastardinho de tinta negra com as inquietações que quero entregar aos meus leitores como panfletos da realidade obscura em que vivo.

Predominantemente goliardesca (devo acrescentar).

*Escrito, entre dois actos relativamente litúrgicos,
na pequena sacristia da capela dos Pobres Mártires,
em lugar impreciso e data a indicar.*

Índice

5	Especulação de abertura
12	A festa de Margarida Cravo
16	O desaparecimento
20	Óscar Raposo
23	Odilo (mss do séc. XXI)
31	A cartola
34	O clube dos incendiários
43	O príncipe lagarto
45	Depoimento sobre o desaparecido
50	Registo de sons
56	<i>Asinus Asinum Fricat?</i>
61	Rota de emergência
70	Os meus antepassados
73	Descalço para saber
75	A Janela Discreta
84	Protesto na repartição
90	A passagem
91	O leitor da <i>Bíblia Negra</i>
94	O Inspector dos túmulos reais
96	Memória de um Peixe Espada Negro

101	O bobo do Camaleão
103	Uma história nocturna?
105	As ruínas
108	Observemos este deputado
112	A Montanha da Espada Escondida
116	A raposa e o queijo
118	Combateremos
122	O Cavaleiro da Maça
126	Desobediência civil
129	Não são sombras
131	O lenhador perdido na floresta
135	Cidade Universitária
142	Atribulações de um homem míope
148	A magnífica cidade dos dragões
153	Morelia e as aves de regresso
156	Histórias de Guerra
160	A vida quotidiana em Moralenta dos Vinhedos
178	A Matança (1833)